



POVOA DE VARZIM. — O mar agitado

Phot. Loureiro.

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

#### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado  
acresce o importe das despesas

*Extrangeiro*—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 229

Braga, 17 de Novembro de 1917

Anno V

# CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,,

Temo-las já impressas, a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### *Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

# V A G O

## Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.  
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.  
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»  
**BRAGA**

## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

### BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

### Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..

# V A G O



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—○○—

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

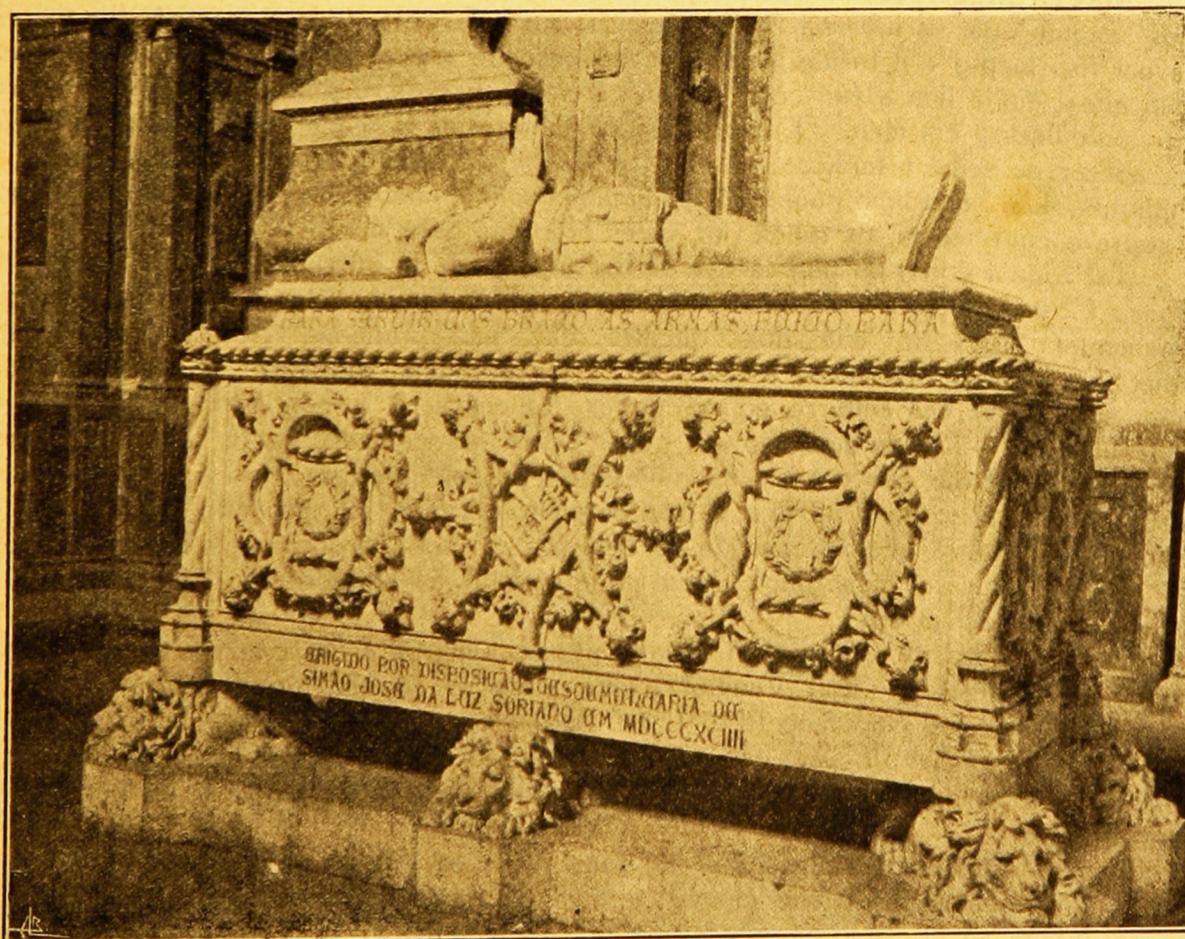
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 17 de Novembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 229—Anno V



Tumulo de Luiz de Camões nos Jeronymos—Belem

(Cliché de Viriato Silva).

# CHRONICA DA SEMANA

## Veillot, D. Moderação e as eleições



Sapuramentos eleitoraes confirmáram o chéque soffrido em larga escala pelo governo nas eleições municipaes de ha quinze dias.

As gazêtas, já tiraram as conclusões politicas do caso; os leitores já as conhecem, e eu dispenso-me de as reproduzir, folgando com ver desvanecidas muitas das suspeitas com que aguardava o remate do acto eleitoral, remate pouco mais ou menos igual as dos annos anteriores—o quadro *empolgante* de uma maioria de eleitores que teem que perder, assaralhonada ante pistola d'um sicariol

Graças a Deus! O paiz começa a espreguiçar-se. Como é lógico ao distender e ao estorcer os braços em redor, deita ao chão uns bonécos de tijolo em póses napoleonicas que haviam tido o ousio de se aproximar d'elle, aproveitando-lhe a somnéca. O paiz começa a resentir a mysteriosa força d'uma tradição, como a impressão confusa de um pezo estranho collado ao seu corpo. O paiz abriu os olhos. Está ainda estremunhado. Mas já accordou. Ainda bem! E' signal de que vaes sahir da cama. Os hóspedes jacobinos fazem-lhe no quarto um barulho e um reboiço de diabos... E' natural. Ainda bem! Luis Veillot disse uma vez acêrca das glorias revolucionarias que o grande typo da Revolução não é o carrasco, é o *cuistre*. Ter mêdo d'um *cuistre* é imbecil. E não ha duvida de que o paiz até hoje tem tido mêdo dos *cuistres*, de que a sua attitude tem sido imbecil, puramente imbecil. As eleições comprováram-no. E se não fôra ainda a conselheirácea moderação com que uns equilibristas de má fama e uns interesseiros de péssimas joldas lhe arruináram os ouvidos, ellas teriam sido de facto uma derrota completa para o radicalismo.

Mas D. Moderação, a matronaça, com as suas lunêtas azues mascarando-lhe os olhos sanguinosos, os labios tregeiteantes e o nariz farcista, tudo a compôr-lhe na carêta um riso inepto e a tornar-lhe mais desengraçado e ponteagudo o perfil, D. Moderação afinal ainda tem a sua côrte, o seu *cêrcle* de parvos, e pôde impedir que a tarefa do paiz ficasse em meio. D. Moderação é ainda uma potencia, uma potencia de traição, apesar de velha e fanhosa. A sua traição hypocrital Aqui teem uma definição de Veillot;— «Um lindissimo punhal. Manejam-no com a mão esquerda, a direita pousa da sobre a consciencia, os olhos por vezes erguidos para o céu».

Tal e qual como os padres que se fizéram agora de gôrra, nas urnas, com o sr. Affonso Costa! Como um eatholicos que não resistiram á redução d'um abraço governamental! São da laia dos quentes que não praticam. Sob a Restauração, Paulo Luis Courier divertia-se a dizer de certo apologéta glorioso; «E já nem quero contar sequer que elle embirra co'as egrejas, Quem será o confessor do Senhor de Chateaubriand?» Eu tambem não sei quem serão os confessores de taes fieis, tenho apenas para mim que devem ser seus confessores passa-culpas, de crivo largo, que deixam escapar para o sacco da penitencia o joio de muitos crimes, murmurando sempre com os mesmissimos olhos a que o polemista do *Univers* se referia, erguidos para o céu:— «Oh! isso não tem duvida, meu filho! Quem pôde resistir ás tentações?... já no tempo da monarchia isso assim era!

E era, infelizmente era assim! Havia tantos ministros e funcionarios filhos illegitimos de D. Moderação! Luiz Veillot n'uma carta a Montalembert descrevia assim o ministro Rouland, de Napoleão III: «*C'est un parlementaire, très rattaché à l'absolutisme mais qui, quant à l'Eglise, est reste parlementaire*». Os factos estão a narrar-nos em todos os dias de batalha a conserva opposicionista d'esses vicios e preconceitos do antigo fastigio.

Eu acho immensa graça ao *noli me tangere* do sr. Mayer Garção quando profliga o que muito escandalisado elle chama; a invasão monarchica na republica! Eu acho immensa graça ao puritanismo *historico* que anathematiza o sr. Almeida Ribeiro! Para que se zangam, se o barro politico é o mesmo, hontem como hoje?

Morreu ha pouco um homem! que, no esplendor da vida, despediu fulgores de intelligencia. A morte surprehendeu-o ainda com chispas a luzirem-lhe por vezes na frente. Agarrado á bandeira branca do legitimismo, elle conheceu profundamente os effeitos do *erro liberal* n'este paiz. Contou-me o dr. Diniz da Fonseca que um dia, durante um d'esses clarões de lucidez, abordando-se em conversa a questão do regalismo e da se-

paração da Igreja do Estado, o velho lutador alquebrado, ainda atirava este bôte profundo e admiravel de visão :

— A Concordata! Mas o que era afinal a Concordata, senão uma Cultural em ponto grande?...

O mal é o mesmo, a gente é a mesma! E venha ainda o grande Veillot fechar o debate: — «A historia mostra-nos em todas as suas paginas os povos simultaneamente mais fieis e mais altivos do que hoje. Amavam alguma coisa que só se lhes tirava com a vida, e odiavam alguma coisa que repelliam durante a vida inteira. Agora, nada amam e odeiam tudo, mas com um odio molle e covarde, prompto a ceder, constantemente a trahir-se, d'onde resulta a facilidade de os vencer e a impossibilidade de os governar».

F. V.

## Enlevos!

Ao Ex.<sup>mo</sup> Dr. Casimiro Rodrigues de Sá, alma d'ouro e coração melhor,

**E**RA n'uma noite de Julho, amêna.

O quarto crescente, deixava admirar o seu brilho prateado. Os pastores, além na montanha, piruteavam alegremente nas suas travessas (1), enquanto os gados mansamente dormiam nos bardos. Alegres ranchos de segadores, aproveitam a luz brilhante da lua, para devastarem com as gadanhas as enormes campinas de pão; vão cantando com alegria, uns juntos das suas amadas que idolatram e que os seus olhos alvejam; outros longe e bem longe dos seus pensamentos; e ainda muitos, já com próle creada, suspirando pelos rebentos da sua alma! De vez em quando, o môcho triste e agoirento precursor dos grandes males da superstição, acorda a alma adormecida a todos os pensamentos de tanto coração que sente, para pensarem bem diversamente! Mas isto, são apenas rajadas de vento que passa, e lá vem o dito chistoso e alegre do mais folgazão, que remata sempre com este estribilho: «Tristezas não pagam dividas!» Tudo volta aos seus enlevos primitivos, e o pensamento corre veloz atravez dos espaços infinitos do impossivel!

Na aldeia, porém, tudo era silencioso e triste; mergulhando aparentemente, na mais profunda solidão! Bateram as 2 horas da madrugada nos sinos da torre de S. Francisco. De repente, sente-se uma guitarra, que parecia mysticamente arrancada ao seio da terra; que mais e mais se vae ouvindo, n'um cadenciado e triste fado.

Uma voz tão suave e melodiosa assemelhando o leve ciciar da brisa, ia entoando uma quadra tão triste que me chocou a alma!!! Eu estava debruçado sobre uma janela que dá para os campos, e d'onde admirava as bellezas da natureza; quiz levantar-me, ir ver e apreciar de perto quem era esse anjo ou virgem, que assim me toldava a razão, mas não tive forças para o fazer! Por muito tempo escutei as melodias da guitarra e a voz argentina que cantava; depois, pareceu ver-me transportado para muito longe, onde desconhecia tudo, e apenas uma alma amiga me estendia a mão carinhosa, para me auxiliar na passagem d'um precipicio. Passei com esse auxilio tão generoso; e quando ia para lhe beijar a mão carinhosamente, já o não divisei; apenas o echo me trouxe uns rumores do seu afastamento! Tombei de joelhos, elevando as mãos ao Céu, implorei a Graça Divina para o meu bemfeitor. De repente, um anjo da terra abeira-se de mim, e pergunta-me:

Que tens mortal que assim vaes sofrendo?! Conte ao anjo o que me succedera; e em resposta, contentou se em sorrir-se, e disse-me: Ha corações na humanidade, que sendo tão bons e praticando o Bem, se aproximam da essencia de Deus.

São esses os bemaventurados e que na vida se encontram em quantidade tão pequenina, que é difficil encontral-os; mas quando se encontram, não mais se perdem! São esses, a quem Deus commetteu o encargo pesado de nos guiar, e de nos ensinar o melhor caminho.

Quando despertei, eram 11 horas! O sol irradiava alegremente os seus raios brilhantes por todo o globo. Junto de mim, estava-me fitando a minha irmãsinha de sofrimento!!!

EMIDIO LIMA.

(1) Travessas: flauta de sabugueiro usada pelos pastores n'esta região de Traz-os-Montes.

# SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

XIV (1)

## Napoleão nunca existiu



QUANDO ha três annos começou a guerra, muita gente observou que um seculo antes andava a Europa envolvida noutra grande guerra: a colligação contra Bonaparte.

Donde se depreheende que muita gente está convencida, ainda hoje, de que Napoleão Bonaparte existiu realmente. Nanja eu!

Eu sou da escola d'aquelle Emilio Rossi *grande sabio* italiano, que ha poucos annos publicou um livro para provar que *Christo nunca existiu*; O livro, como era de um *grande sabio*, foi logo traduzido por outro *grande sabio* qualquer republicano, cujo nome não recordo (elles são tantos, os *grandes sabios*!) e espalhados em Portugal. O illustre polemista Padre Senna Freitas ainda teve a pachorra de dar duas vergastadas justiceiras no monstruoso liberculo, em artigos do *Portugal*. E o livro morreu muito antes de desaparecer tambem do numero dos vivos o benemerito e brilhantissimo polemista catholico.

Consta-me que durante o meu exilio se publicou em Portugal outro opusculo humoristico em que prova que o sr. dr. Bernardino Machado nunca existiu. Nunca o vi—o opusculo; que ao dr. Bernardino vi-o eu muitas vezes em Lisboa a cumprimentar-me sem o eu ter cumprimentado.

Em dois ou três serões vou presentear os leitores com uma brevissima demonstração de que o grande heroe dos tempos modernos, Napoleão Bonaparte, nunca existiu. O opusculo tem uma historia; eil-a traduzida da *Filosofia della Religione*. de G. Corti, Roma, 1891, pag. 312:

«Quando Dupuis publicou em França uma voluminosa obra com o titulo *Origem de todos os cultos*, em que se apresentava como mytho tudo quanto nós christãos temos por mais sagrada e authenticico, e se assemelhava o Christianismo ás mythologias dos pagãos, um douto escritor, J. B. Peres publicou um pequeno opusculo, no qual sem alludir ao seu escopo de refutar a obra de Dupuis, fez d'ella uma engenhosa parodia, e empregando os meios usados por Dupuis naquella sua obra infeliz, isto é, aproximações astronomicas e mythologicas, propôs-se demonstrar ao publico que Napoleão I nunca existiu.

Se este opusculo do Peres fosse lido d'aqui a alguns centos de annos não deixaria de produzir no espirito de algum leitor as mais graves duvidas acerca da veracidade da historia do seculo XIX relativa a Napoleão. Semelhantes a essas são as duvidas que no espirito de algum incauto e indouto leitor produzem os sacri-

legos destempêros d'aquelles racionalistas, que pretendem fazer passar Christo por um mytho,

O opusculo de J. B. Peres produziu immenso bem, porque desacreditou o livro de Dupuis e com poucas paginas derrubou a obra em grandes volumes.»

Precisamente no anno da implantação da nossa republica, em 1910; o sr. Theophilo Braga, numa conferencia em Lisboa, reduziu tambem a mytho Jesus Christo, fazendo derivar até a designação de *Christo* da *crista* do gallo de uns *chrestos* que elle inventou — o que tudo lhe valeu uma cresta que lhe dei no meu livro *Uma quaresma anticlerical*. Quem o quizer pode ainda obtê-lo, enviando a frey Gil 250 ominosos.

Aqui vae agora o famoso trabalho de J. B. Peres:

«Napoleão Bonaparte, de quem tantas cousas se tem dicto e escrito, nunca existiu. Não passa de um personagem allegorico: é o proprio sol personificado. (2) E a nossa asserção ficará provada, se fizermos ver que tudo quanto se publicou de Napoleão o Grande foi tomado de emprestimo do *maior ministro da natureza* (o sol).

«Indaguemos summariamente o que nos dizem deste homem maravilhoso. Diz-se-nos que se chamava Napoleão Bonaparte; que nascera numa ilha do mar mediterraneo; que sua mãe se chamava Leticia: que tinha três irmãs e quatro irmãos, três dos quaes foram reis; que teve duas mulheres, uma das quaes lhe deu um filho; que elle pôs termo a uma grande revolução; que tinha dependentes de si dezeseis marechaes do seu imperio, doze dos quaes estavam em serviço activo; que triumphou no meio-dia e succumbiu no septentrião; que finalmente, depois de um reinado de doze annos, que começou na sua vinda do Oriente, foi desaparecer nos mares occidentaes.

«Resta agora saber se estas diferentes particularidades são tomadas do sol por emprestimo — e esperamos que toda a pessoa, que ler este escrito ficará disso convencida.

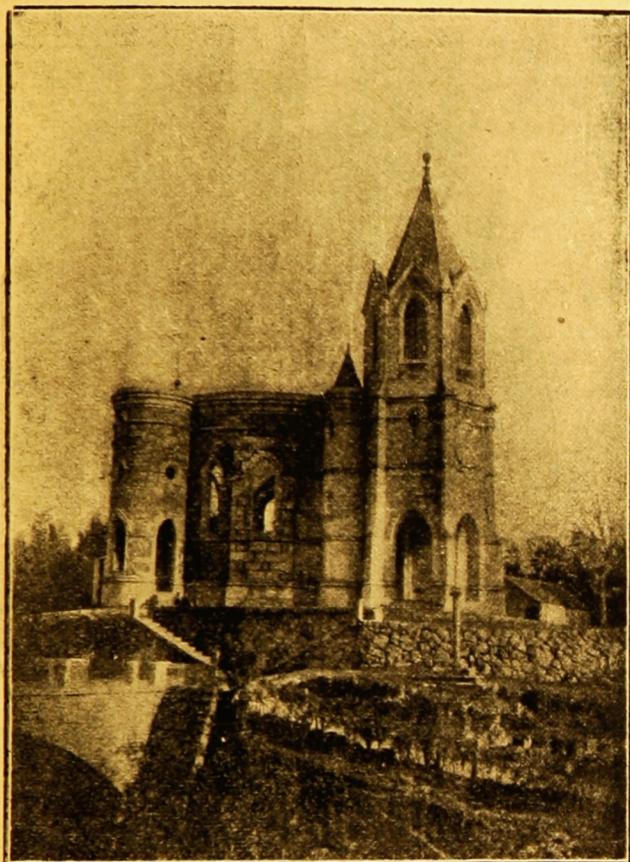
Começaremos no proximo serão.

(2) Abstenho-me, por brevidade, de fazer notas ao opusculo de Peres. Seria facil e interessante. Assim, pôr exemplo, do papel que o sol representa na vida de Napoleão poderia eu fazer uma longa nota. Os acus biographos fornecem basta materia. Alguma vez até pareceu que o sol dispensava ao heroe especial protecção. Referindo-se ao lindo sol que a 19 de maio raiou sobre a partida da grande expedição de Toulon para o Egypto diz Norvins, na *Histoire de Napoléon*, 1 vol. pag. 310:

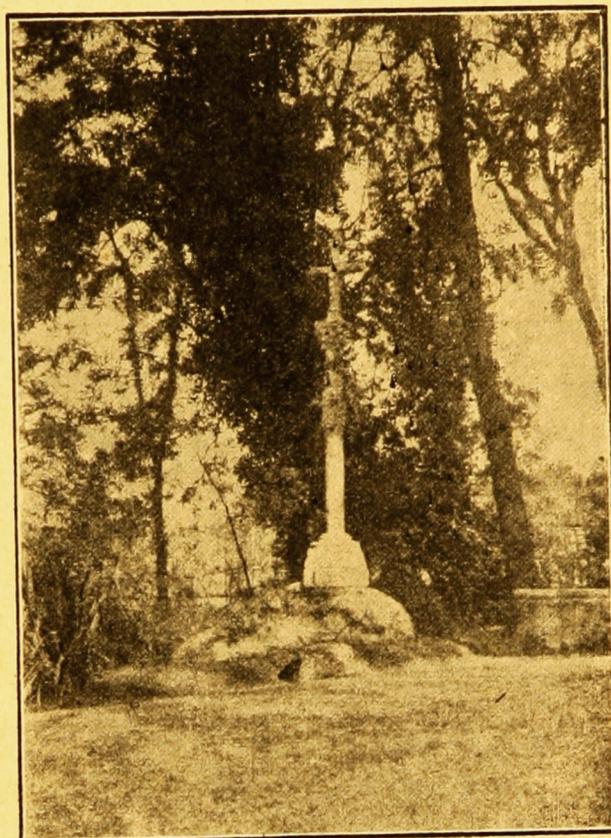
«Le soleil, qu'ou appela si souvent le soleil de Bonaparte eclaire le majestuen départ, etc.»

(1) Por doença que o retem no leito, não pode por agora Fr. Gil continuar as *Aventuras do alfabeto*, que tem deliciado estes ultimos numeros os nossos leitores. Porisso, deixando espaço para que o preencham, se altera a numeração, dando á estampa material que só ao depois veria a luz. Orem entretanto os leitores pela saúde de S. Paternidade.

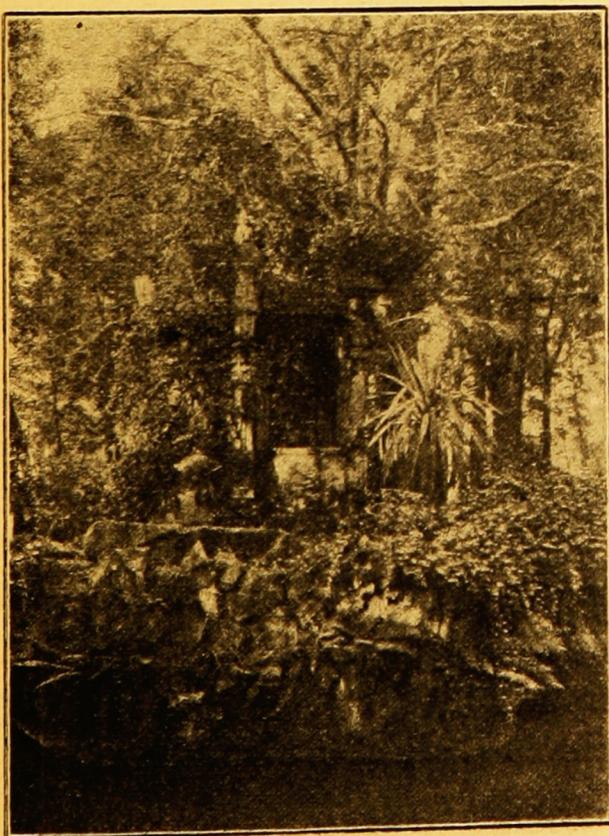
# PENAFIEL



*Real Sanctuario de Nossa Senhora da Piedade e Santos Passos ainda em construcção*

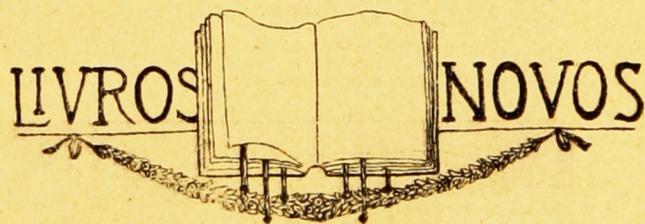


*Cruzeiro da antiga Arrifana de Souza, hoje cidade de Penafiel existente na quinta da Avelleda. Só existe mais outro cruzeiro igual no Marão.*



*A historica janella onde foi acclamado rei D. João IV, existente na quinta da Avelleda.*

(Phot. Braz Meirelles).



Método moderno.

Recebemos um novo e muito interessante livro de Leitura, que se dedica ao ensino inicial de leitura, escrita e contas. E' seu auctor o sr. Alfredo Henriques B. Serra, que se revela com este livrinho, um notavel pedagogo. A difficilissima arte de ensinar ás creanças as primeiras letras tem sido muito revolucionada estes ultimos tempos, e novos processos, tendentes a tornar agradável o aprendizado da leitura vão sendo postos em pratica successivamente. Tal foi o que inspirou o sr. B. Serra a metter hombros a empresa de escrever um novo livro de leitura, que ficou na verdade interessante, associando, desde o inicio, a escrita e a leitura, baseando-se no processo de Castilho para a representação das letras por figuras. E' uma obrasinha e merecimento.

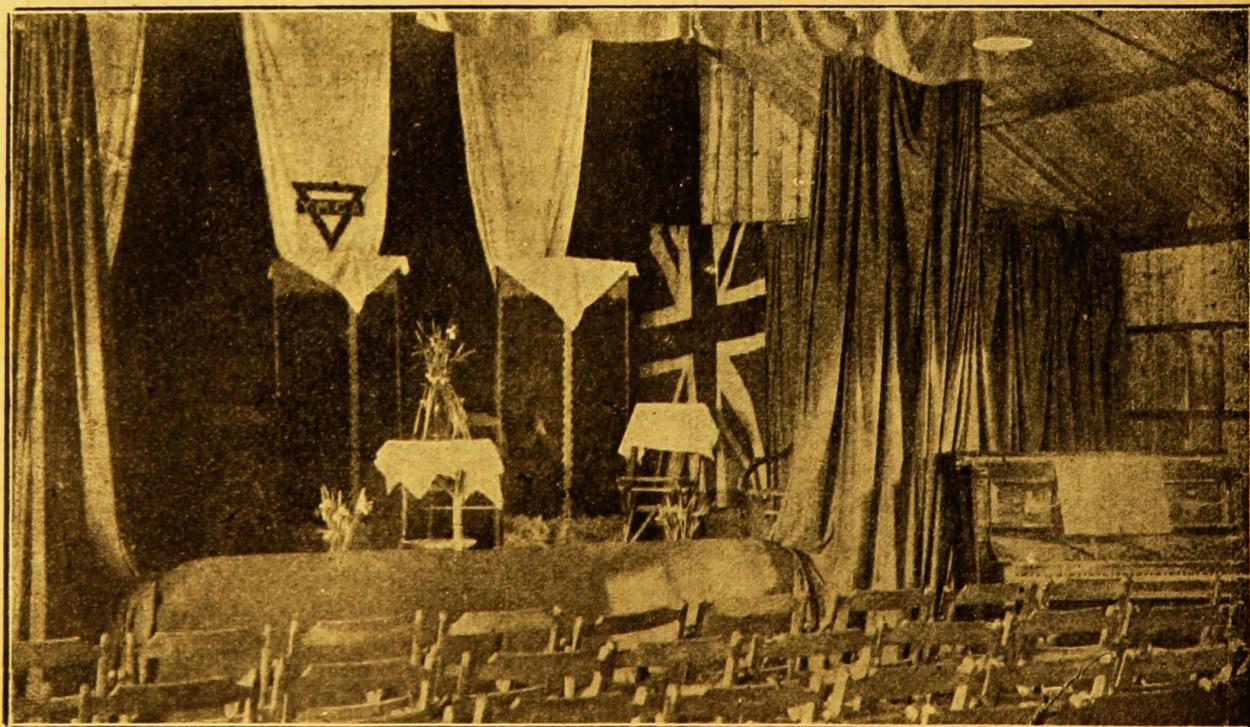
# PORTUGUEZES NA GUERRA



*P.º José Maria da Costa Parente, antigo parócho de S. João da Ribeira, concelho de Ponte do Lima, hoje afluente miliciano e que em breve parte para a França.*



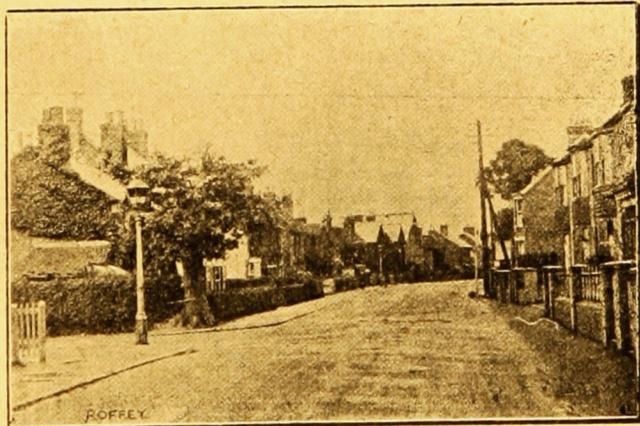
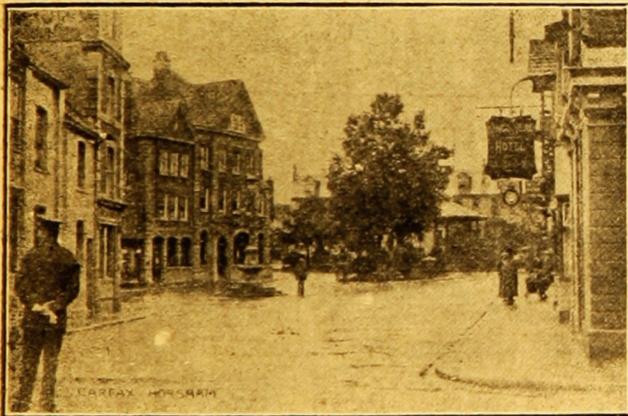
*José Ferreira de Mattos, nosso conferraneo, actualmente na frente no posto de sargento ajudante d'infanteria 2.º.*



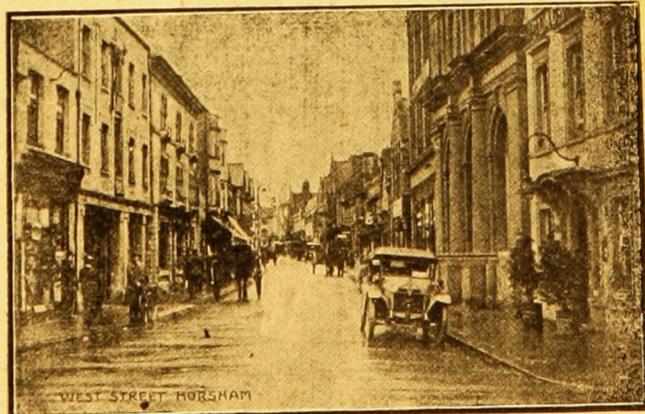
*Palco onde os soldados portugueses e ingleses representam e onde todos os domingos um capelão diz missa*



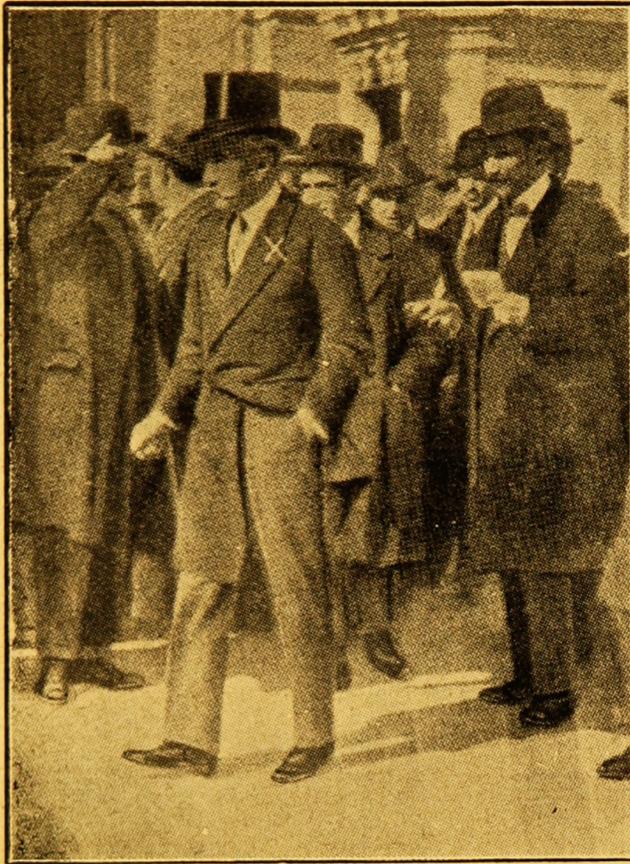
*Sala de reuniões onde os soldados aprendem cânticos religiosos para os executarem durante a missa*



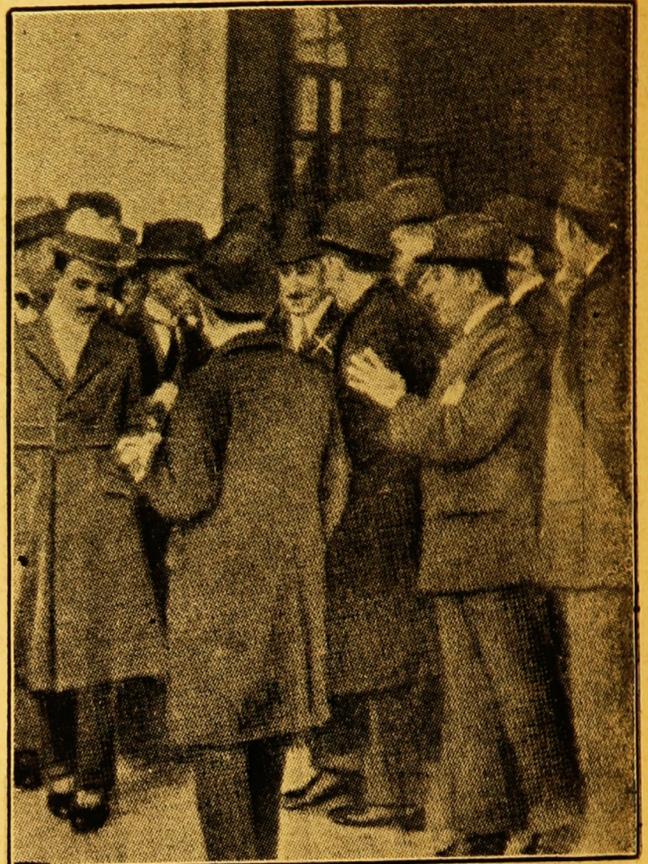
*Diversas avenidas  
das cidades inglesas  
Roffey e Horsham  
onde estão alguns soldados  
portuguezes*



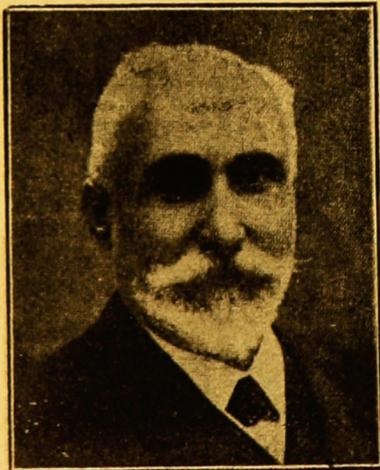
# A crise ministerial hespanhola



O presidente demissionario, D. Eduardo Dato + saindo do palacio,



O Snr. Sanchez de Toca + depois de receber o encargo de formar gabinete, o que não pôde realizar,



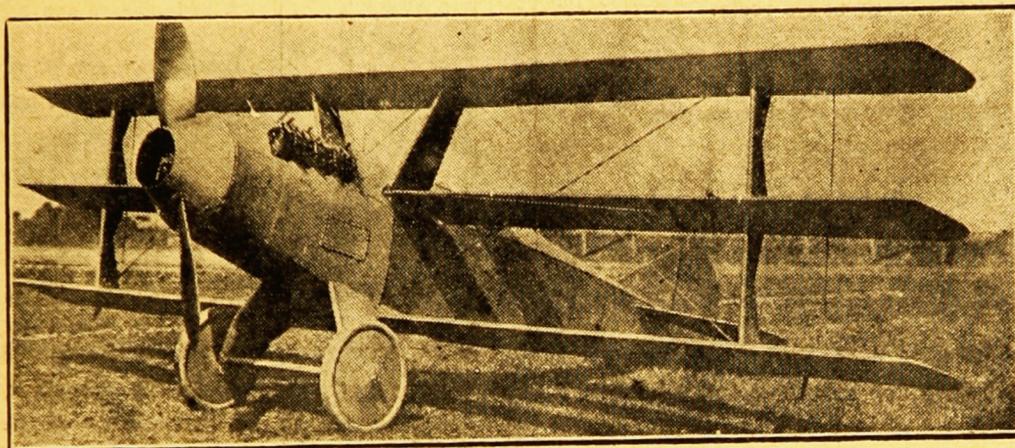
D. Antonio Maura, um dos chefes politicos hespanhcos e que foi encã re gado de formar ministerio, missão que tambem não pôde levar avante.

## FRANQUEZA

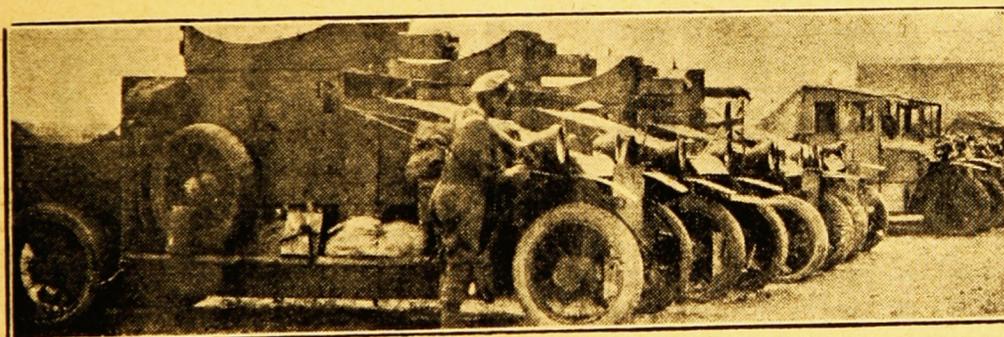


Se V. Ex.<sup>a</sup> pudesse emprestar-me 10 tostões.  
 — Mas, oh homem, eu nem sequer o conheço.  
 — Pois por isso mesmo. Aos que me conhecem já não peço nada.

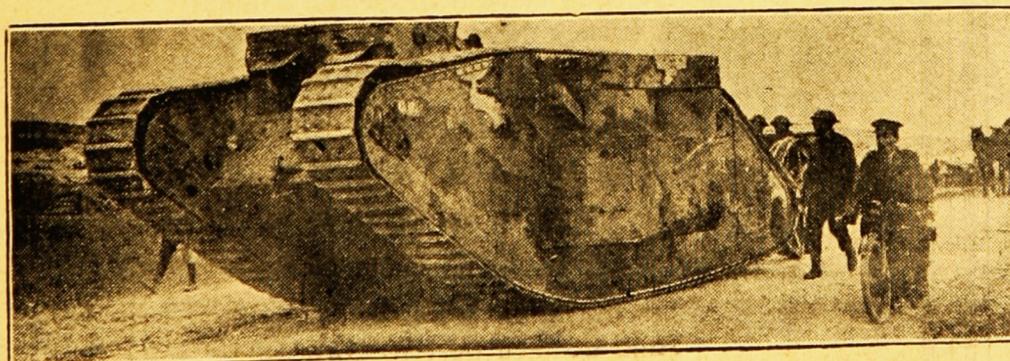
# As armas da Guerra Europeia



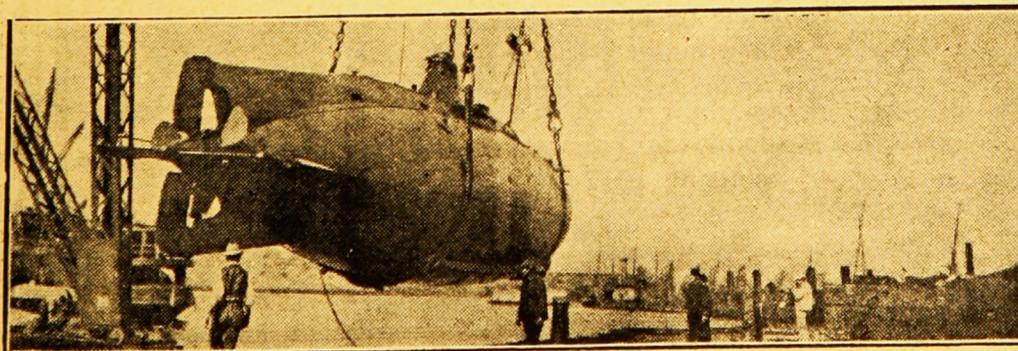
O aeroplano militar Curtiss, que alcança a velocidade de 125 milhas por hora.



Os automoveis blindados durante um alto da viagem.



Um terrível Tank inglês.



Um submarino yanque saindo da agua para reparações em Brooklin,

## Dor infinita

A J. Ribeiro Coelho

Neste injusto destêrro, quando um gosto  
Minha saudade, tímido, procura,  
Acolhe-o sem perder a compostura  
Ela, cortez, asserenando o rosto.

Ao franquear-lhe o coração disposto,  
Não sei que allivio prova na amargura.  
Mas a visita pouco tempo dura,  
E mais acerba a dôr fica em seu posto.

Consolações, eu digo, porque vindes,  
Se á minha noite não trazeis a aurora,  
E mais fel me deixais em vossos brindes?

Mais lônge, na saudade achava eu dita,  
Dantes, que eu tinha patria; mas agora...  
Não ter patria! esta dôr é infinita.

*J. Serafim Gomes.*

15-3-1917

A Joaquim C. de Vasconcellos

Ha paragens na vida: — uma jornada  
Cheia d'evocações d'annos passados.  
Olha-se então p'ra traz e, da longada,  
A vista vae-se aos brancos povoados.

Egrejas a resar, de cruz alçada,  
Em larga benção, nos ceus algodoados.  
E, sempre a serpear, a branca estrada  
Recorda novos factos recontados.

E vem depois a esposa — ave d'amor! —  
E vem depois o lar — ninho de paz! —  
E vem tambem os filhos — passarinhos! —

Na frente ha camarinhas de suor,  
N'este dia, porem, descanso! olhar atraz  
E' desvendar e vêr novos caminhos!

Porto, março de 1917.

*P.º Guilherme d'Oliveira*

## Iracêma

Circundava-te o corpo um gracil veu  
De sêda clara a despertar o amor,  
A brisa a trança duma escura cor  
Parecia levar me até ao ceu...

Os dotes naturais que o ceu te deu,  
Oh pequenina e sempre eburnea flor,  
Avivam no meu peito mais a dor;  
Sô por não ser Amor o sonho teu.

Oh borbolêta espiritual, galante;  
Anjo do meu deserto coração;  
Escuta o meu suspiro delirante,

Atende me na minha adoração,  
Vê, como ainda crente e suplicante,  
Escravo fiel, venho beijar-te a mão.

Quinta da Trêmoa  
Julho de 1917.

*Darlindo C. Ferreira.*

# Depoimentos sôbre a guerra...

POR MANUEL SEMBLANO

## O tenente-coronel Rousset.

UANDO em 1911 a questão de Marrocos deu origem a uma batalha diplomática entre o *Quai d'Orsay* e a *Wilhelmstrasse*, a revista *Les Annales* perguntou ao tenente-coronel Rousset o que succederia... *si la guerre avoit lieu...*

Rousset, antigo deputado e ex-cathedratico da Eschola de Guerra, historiador consciencioso do desastre de 70 e actual critico militar do *Petit-Parisien*, o jornal mais lido em todo o mundo, respondeu em seis artigos magistraes. Copio textualmente algumas das suas passagens caracteristicas, reservando-me apenas o direito de sublinhar as previsões mais completas e mais felizes. O aspecto da invasão atravez da Belgica e o interesse supremo da Inglaterra em defender a França, para não ficar anniquilada, são postos em relêvo com uma sciencia admiravel.

*Entende-se que os nossos adversarios, para levar a elleito o largo movimento expraiante que meditam, violarão, desde o comêço das operações, a neutralidade belga. Não ha duvida possivel sôbre este ponto. As confissões implicitas dos mais auctorisados escriptores militares de Além-Rheno, certos indicios muito seguros a tirar das manobras allemãs, emfim os importantes preparativos que foram feitos, de alguns annos a esta parte, na frente Malmédy-Stavelot e a massa de provisões accumuladas nesta região, tudo isso revela, de maneira sufficientemente clara, projectos, de que a prudencia mais elementar nos manda tomar nota e preoccupa-nos antes de tudo.*

*E' passando pelo Luxemburgo belga, abaixo da linha fortificada Liège-Namur, cujo reducto é a praça de Anvers, que o principal exercito inimigo deve procurar attingir bruscamente o solo francez. Ora não parece, de maneira alguma, que o exercito belga, constituido como se sabe, tenha a sorte de se oppôr com successo a uma semelhante irrupção. Não é nem bastante numeroso, nem organizado com bastante solidêz. Defenderá sem duvida alguma, com energia, a integridade do seu territorio; mas os seus esforços serão insufficientes para sustar a onda dos invasores, e, depois de um tempo provavelmente muito curto, deverá refugiar-se nas suas praças fortes, esperando melhor occasião de intervir. Isto sem querer suspeitar um só instante da sua boa vontade e da sua coragem, mas porque, em semelhante materia, convem não nos deixarmos emballar por illusões. Saibamos pois que, para nos garantir do 'coup de revers' não devemos contar senão connosco, e talvez — digo talvez intencionalmente — com o auxilio que a Inglaterra nos trará.*

*A Entente Cordiale não é de modo algum um negocio de sentimento, mas de necessidade. O imperio britannico está ameaçado pela Allemanha e os seus dias seriam contados se a França viesse a ser esmagada. Ainda que elle dispozesse duma esquadra infinitamente superior á do seu adversario nem por isso ficaria livre de perigo...*

*E' claro que, pela sua constituição politica, a Allemanha tem o beneficio da offensiva, e mesmo, se ella quizer, duma offensiva precipitada...*

*A armadura dos nossos visinhos é poderosa. Appoia-se dum lado sobre o numero; doutro lado sobre uma adaptação rigida dos meios tendentes a um fim definido, que é a guerra contra a França. Governado por mão segura, dirigido segundo regras precisas e quasi immutaveis, o exercito allemão, onde nunca penetrou a politica, constitue um temivel organismo, exclusivamente constituido contra nós. Beneficio do desenvolvimento da população nacional, que lhe permite, primeiro, assegurar prodigiosamente os seus serviços, e em seguida praticar nos contingentes uma selecção que separe todos os individuos inferiores. Possui um machinismo muito variado e riquissimo. Os seus chefes são energicos e vigorosos. Emfim, exaltado pela recordação das suas antigas victorias, professa o culto absoluto da offensiva, que foi nellas o factor preponderante.*

*Eis o ponto de vista militar. Mas ha tambem o lado moral, que tem a sua importancia, e aposto que os allemães não deixam de pensar nisso a valer, quando preparam uma operação tão complicada e tão audaciosa. Imaginam provavelmente que a brusca irrupção na Champagne duma massa consideravel, lançada directamente contra Paris, e atirando ao longe alguns cavalleiros ousados que semeassem deante de si o terror e o espanto, equivaleria para elles a um primeiro successo.*

*Querem tomar por auxiliares a desmoralisação e o panico, que se haviam de apoderar — ao menos assim o imaginam — duma população desvairada sò com o pensar que os nossos fortes de Leste foram tomados e as nossas forças apanhadas pelos costas.*

*Elles contam com o nosso caracter impressionavel, com a tendencia um pouco excessiva que nós temos em gritar que houve traição, com o auxilio opportuno dos anarchistas e dos sem-patria, e com muitas outras coisas ainda...*

*Ora na guerra a força moral é o factor dominante. Desafia o numero e a manobra, com a unica condição de apoiar se em meios sufficientes.*

*E' a inspiradora das decisões vigorosas, cuja execução só ella assegura.*  
(*Les Annales*, 3 de setembro a 8 de outubro de 1911).

## Anecdotas historicas

### Ditos e pensamentos

#### O sabre de pão

**F**REDERICO II, rei da Prussia, disfarçou-se em soldado e foi aban- car n'uma taberna com camaradas de diferentes regimentos, a beberem á saude... do seu monarcha! A um soldado perguntou:

—Eu tenho o mesmo soldo que tu e não posso poupar nada. Dize-me, camarada, a que expediente recorres para teres dinheiro sempre, como me affirmas?

O soldado olhou-o um pouco, depois disse:

—Vejo que és um pobre diabo, por isso vou fazer-te uma confidencia. Quando preciso de dinheiro empenho qualquer objecto de valor, que, após alguns dias de severa economia, depois resgato. Assim, hoje, empenhei a folga do meu sabre que é de prata e trago um de pão. Como não teremos tão depressa de entrar em combate ninguem a vê.

Frederico II fixou o numero do soldado e no dia immediato passou revista ao seu regimento. Em frente do soldado parou e ordenou que este e o seu camarada mais visinho dessem um passo á frente, e voltado para o do sabre de pão, commandou:

—Arranca do teu sabre e corta a cabeça a este soldado.

O soldado implorou do rei que o poupasse ao desgosto de matar um camarada tão digno, mas como o rei fosso inflexivel, voltou ao céu um olhar piedoso e disse desembainhando o sabre:

—Meu Deus, faz o milagre do meu sabre se transformar em pão para não matar o melhor de meus amigos!

Fez-se o milagre. Frederico II gostou tanto da presença de espirito do soldado que o gratificou.

#### O advogado Dupin

O advogado Dupin era extremamente dedicado ao duque d'Orleans, e homem de phrases duras, rapidas, sem papas na lingua. Quando o duque d'Orleans já se chamava Luiz Filippe, o advogado Dupin, n'uma discussão politica, disse ao rei:

—Sabe que mais Vossa Magestade, desconfio muito de que nunca estaremos de acordo!

Luiz Filippe respondeu logo:

—Eu tambem assim pensava, senhor Dupin, mas não me atrevia a dizer-lh'o.

*Tito Flavio.*

# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: - **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

*Esculptura em Madeira*

—E—

PINTURA

*Teixeira Fanzeres*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

*Preços modicos*

*Contra riscos e guerra ferrestres e marítimos, grêves, tumultos e roubos. segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

## SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.  
º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoia de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

**Rua do Ouvidor, n.º 123**

**Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO**

**Telephone 5593, Norte**

«*Illustração Catholica*» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**